

Jazidas expressivas de pedra sabão (esteatita, formada de silicatos de alumínio, ferro e magnésio) são encontradas apenas no Brasil, Marrocos e Groenlândia. Ela é matéria prima de artistas e artesãos espalhados por Minas Gerais e Goiás, desde o século XVIII.

Na Groenlândia devido ao gelo, a difícil extração só pode acontecer em poucos meses do verão e com custos elevados. No Marrocos, são famosas desde a antiguidade. Uma concentração expressiva de fabriquetas de fundo de quintal, produtoras de objetos de pedra sabão, fica em Santa Rita, próximo a Ouro Preto. Ali, tornos rudimentares, canivetes e estiletes improvisados, conduzidos com habilidade e rapidez, vão dando formas às pedras brutas, criando uma grande variedade de objetos decorativos e utilitários. De 1986 a 1996, fiz muitas viagens a Santa Rita e observei um fenômeno interessante. No final dos anos 80 a pedra ainda era encontrada e retirada com facilidade de afloramentos na vila ou em locais próximos, usando-se machado, facão e pé-de-cabra. Nos anos 90, só com dinamite e no interior da terra. O transporte da lavra para a oficina passou a exigir veículo, até então as pedras eram levadas em carrinhos de mão.

Entre as duas observações ocorreram dois fatos significativos:

- Indústrias instaladas na região passaram a pulverizar cada vez mais pedras para fabricar talco ou obterem alumínio e magnésio, atendendo demanda crescente do mercado.

- A pedra sabão passou a ser exportada bruta para o Canadá, onde é serrada, uma face é polida, desenhada a laser por computador, focas por exemplo, cobertas com resina e vendidas como souvenir esquimó.

Nas últimas visitas a Santa Rita, ouvi muitos artesãos reclamarem da impossibilidade de terem acesso a pedras de melhor cor e qualidade, para fazerem um trabalho mais bonito e elaborado. Quem esteve em Ouro Preto nos últimos anos, pode observar que quase todas as peças oferecidas aos turistas são ocre ou pardas e com imperfeições. As pedras com boa textura, verdes ou azuis, são cada vez mais difíceis de serem encontradas. Lembrei de Portugal no final da era salazarista, onde em 1967/68, fomos as piores azeitonas, refugio das exportações. A matéria prima que possibilitou ao Aleijadinho (1730 – 1814) produzir as maravilhas do barroco, está cada vez mais distante dos mineiros.

Entre os artesãos que produzem séries de objetos decorativos e utilitários, existem artistas primorosos e miniaturistas formidáveis. Incentivados serão capazes de produzir grandes obras sacras ou profanas. Perdi o contato com as fontes mineiras de artesanato, mas continuo preocupado com o destino de muitos artistas e milhares de famílias de artesãos, que há gerações têm na pedra sabão o sustento e a alegria de criar.

Já na época me pareceu um problema de difícil solução, os produtores, na maioria analfabetos, dificilmente sensibilizariam atacadistas prósperos, versados em inglês, ligados a exportação e às grandes empresas.

Esse liberalismo absoluto pode ser equilibrado pelo Estado: Procuradoria; Secretarias, Departamentos e Conselhos de Cultura; Patrimônio Histórico; Assistência Social; Sindicatos; Instituições Culturais e Artísticas, devem se manifestar avaliando o interesse social, relevância cultural e tradição. O governo agindo, fazendo política, uai sô!

Em Vitória, o escorregão é no barro usado na produção das famosas painéis para a moqueca capixaba. Com o crescimento e ocupação desordenada dos arredores de Vitória, foz dos rios Santa Maria e Jucu, fica cada vez mais difícil tabatinga de boa qualidade. As painéis estão se tornando grossas, diferentes das antigas que finas tinham como sinos, quando suspensas e batidas no fundo com os nós dos dedos. Aliás, este é o teste para se comprar uma boa painela aqui no Espírito Santo. O som chocho acusa rachaduras, ôcos, impurezas e a espessura do barro.

Kleber Galvêas julho,2000

Rua: Antenor Pinto Carneiro, 66 - Centro - Barra do Jucu - Vila Velha - Espírito Santo - Brasil - Cep.:29125-120 Telfax: (27) 3244-7115.

e-mail: atelie@galveas.com www.galveas.com